

AS CATILINÁRIAS DE CÍCERO: UMA ANÁLISE DISCURSIVA

Fábio da Silva Fortes¹

Resumo: As *Catilinárias* de Cícero representam um dos mais importantes discursos políticos do orador romano. Neste artigo pretendemos apresentar uma breve análise deste discurso, reconhecendo, por um lado, sua inserção no conjunto maior da obra oratória de Cícero e destacando-lhe, por outro, o conjunto de formações discursivas e ideológicas que emergem do texto. Assumimos, de forma geral, um arcabouço teórico oriundo da Análise do Discurso de Linha Francesa (AD), sem desconsiderar os procedimentos de análise filológica próprios da heurística dos Estudos Clássicos.

Palavras-chave: *Catilinárias*, formação discursiva, ideologia.

Introdução

There is a sense in which a history of rhetoric might be thought or imposed upon the society. Such a history would trace the formation and expression of ideologies and power structures.

George A. Kennedy

O pensador citado em epígrafe apresenta em *New History of Classical Rhetoric* (1994) a essência primordial que define o estatuto do gênero retórico na Antiguidade: a legitimação do poder político da palavra. Palavra e poder são, portanto, elementos que se confundem quando se busca investigar própria constituição da retórica clássica greco-romana. Neste trabalho, temos como meta apresentar uma investigação das *Catilinárias* (*In Catillinam orationes*), de Cícero, com vistas a depreender-lhes, *lato sensu*, as estreitas vinculações entre esta linguagem oratória e o poder por ela instanciado no âmbito do Senado Romano. *Stricto sensu*, temos em mente apresentar uma análise que identifique (i) a filiação das *Catilinárias* no espectro dos gêneros oratórios e retóricos romanos; (ii) as formações ideológicas e discursivas que o texto evoca; apresentando, em suma, uma leitura que conjuga considerações próprias do gênero do texto e uma breve análise de caráter discursivo, tendo como arcabouço

¹ Doutorando em Linguística (Letras Clássicas) pelo Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Professor Assistente de Língua Latina da Universidade Federal Rural de Pernambuco (UFRPE). Contato: fabiosfortes@yahoo.com.br

teórico os conceitos de formação discursiva, discurso, interdiscurso e condições de produção oriundos da Análise do Discurso de Linha Francesa.

1 A oratória como gênero engajado

Considerado o maior orador que o mundo romano conheceu, Cícero inaugurou aquele que é considerado o “primeiro período clássico da literatura latina” (CARDOSO, 1989: 141). De fato, não somente o grande orador consolidou, em meados do século I a.C., um novo gênero literário em Roma – a Oratória – como ao mesmo tempo pôde sintetizar em seus discursos e tratados retóricos a longa tradição teórica legada pela cultura grega e assinalar os principais acontecimentos políticos e sociais da República Romana.

Conforme Kennedy (1994: 45) testemunha, o ponto comum a todos os discursos do orador romano encontrava-se naquilo a que Cícero visava ao longo de toda a sua carreira política: encontrar o meio possível de se preservar a república romana, instável em virtude da corrupção política e ambição pessoal dos políticos que a conduziam. Ameaças de revolução, guerras civis, demagogia política e corrupção administrativa eram elementos comuns na república contra os quais Cícero propôs-se a lutar através de sua retórica, que valorizava os valores da *virtus romana* – o respeito e veneração dos antepassados (a *pietas*), o cumprimento das tradições (o *mos maiorum* e a *fides*) e a exaltação de um ideal político que, embora estivesse atrelado ao pragmatismo que caracterizava o pensamento romano, se aproximava, também, do legado de Platão e Aristóteles: a república.

Não obstante, o próprio Cícero não se furtou à ambição comum dos políticos do seu tempo: era também seduzido pela honra dos cargos burocráticos e pelo poder da influência política. No entanto, o que diferenciava o orador dos demagogos, seus contemporâneos, estava exatamente no conhecimento que detinha acerca das fragilidades de Roma, a partir do qual elaborou inteligentemente seus discursos, o que lhe rendeu, ainda em vida, alta consideração entre os *optimates*², que o consideraram o melhor orador entre os melhores, comparado ao maior orador grego, Demóstenes:

² Termo equivalente a *aristós*, no grego, *optimates* tem a melhor acepção de “os melhores” e designa, no presente trabalho, o grupo formado pela elite intelectual e política de Roma à época da República.

Entre os homens de estado antigos, Cícero é mais frequentemente comparado a Demóstenes e, de fato, ele logrou ter Demóstenes como seu modelo chefe no seu trabalho mais tarde.

(KENNEDY, 1994: 128)

Semelhantemente ao orador grego, era notável a consciência de Cícero para o caráter político de sua retórica, fato que lhe permite reconhecer que, ao lado do interesse do *homo nouus*³ desejoso de ingressar no estreito círculo dos aristocratas romanos, de ser iniciado ao *cursus honorum*, e de desfrutar de prestígio e renome, dormitava seu comprometimento com valores essenciais de justiça, virtude e tolerância, que motivou grandes cometimentos retóricos a favor da república que defendia.

O engajamento político da oratória ciceroniana (e também a postulação de uma retórica a serviço do Estado Republicano) dará as notas fundamentais desse gênero literário latino. Ademais, nunca é tarde lembrar que o caráter pragmático da oratória romana – constantemente engajada em questões cívicas e sociais – configura-se-lhe uma propriedade já presente desde as origens mais remotas do gênero. Conforme sustenta Barthes (1975), a gênese dos discursos persuasivos remontam a uma questão essencialmente prática: uma disputa de terras na Sicília, quando, em aproximadamente 450 a.C., a ação de dois tiranos da Sicília que, expropriando a terra e redividindo-a com mercenários, provocou forte reação contrária da população, o que gerou a eclosão de variados processos, mobilizando júris nos quais a habilidade da eloquência e da persuasão eram essenciais. Dessa primeira necessidade surgiam as técnicas que dariam corpo, séculos depois, à Retórica.

O surgimento de uma *ars dicendi* comprometida com uma questão da vida real determinava, assim, o traço mais peculiar da retórica: a de ser uma técnica cuja maior virtude não estava no deleite estético propriamente dito, mas no efeito que a elaboração em termos de linguagem poderia redundar na relação entre os interlocutores. A palavra passava, então, a ser empregada visando a um alvo certo, visceralmente comprometido com a realidade do orador. A elaboração artística e os artifícios retóricos eram, por assim dizer, recursos acessórios muitas vezes determinantes da eficácia da palavra em

³ *Homus novus* representa as pessoas que, como Cícero, não possuíam tradição familiar, mas à custa da educação, conseguia se tornar um homem de estado, conseguia seguir o *cursus honorum*, isto é, a carreira dos políticos e magistrados.

seu propósito persuasivo. É nesse sentido que, tempos depois, a *ars rhetorica* se torna o veículo mais eficaz a serviço da política republicana em meados do século I a.C., utilizado à exaustão por Cícero em seus discursos. É nesse sentido também, que a oratória se torna não somente gênero forense, mas também artístico.

A primeira definição de retórica enquanto arte autônoma é de Aristóteles, em sua *Arte Retórica*. A teorização inicial do filósofo grego diferia da de seu mestre Platão na medida em que emancipava a Retórica da Dialética filosófica. Para Platão, a única retórica possível era a da interlocução pessoal, a do “pensar em comum” (BARTHES, 1979: 154) que o filósofo caracterizava de *psicagogia* – formação das almas pela palavra. Assim, apenas era autorizada a retórica dialética, que tinha como escopo a *virtude*⁴ e se confundia com a própria *filosofia*.

Aristóteles, entretanto, traçou, logo no livro I da *Arte Retórica*, os liames separadores entre Filosofia e Retórica. Esta era apenas uma *arte*, uma técnica a serviço do levantamento de provas para o esclarecimento de um fato: “era sobretudo uma retórica da prova, do raciocínio, do silogismo aproximativo” (*idem*: 157). Dessa forma, o filósofo considerava a autonomia dessa disciplina e popularizava-a: não apenas estabelecia uma investigação de suas propriedades, mas fornecia, aos seus discípulos do Liceu, um método prático e eficaz de se compor versos, de “se bem falar”.

Cícero era herdeiro das teorias aristotélicas da Retórica na medida em que as reinterpretava aplicadas às necessidades do *forum* romano: “Cícero é um orador que fala da arte oratória; daí uma certa pragmatização da teoria aristotélica” (*idem*: 157). Diferente de Aristóteles, mesmo no intento educativo de codificar o fruto de suas investigações em Retórica para a aplicação prática de seus discípulos, Cícero não apenas teoriza, mas exemplifica a prática de seus postulados em seus próprios discursos:

Dessa retórica aristotélica, teremos a teoria com o próprio Aristóteles, a prática com Cícero, a pedagogia com Quintiliano e a transformação por generalização com Dionísio de Halicarnasso, Plutarco e o Anônimo do *Tratado sobre o Sublime*.

(BARTHES, 1979: 156)

⁴ Sentido original do termo, entre os gregos *arete* e os latinos *virtus*, compreendia, conforme Werner Jaeger (1995) preceitua, o conjunto de valores de cortesia, coragem, dignidade e nobreza, que era o ideal de educação na Grécia Clássica.

Nesse sentido, mais que um teorizador da retórica (*De inuentione, Brutus, Orator, De oratore*), atribui-se a Cícero uma intensa prática oratória, forense e política, na qual variadas causas foram defendidas. Sem dúvida, entre seus discursos políticos, o mais célebre é a invectiva contra Catilina (*In catillinam*). Tais invectivas, ainda que guardem as convenções próprias do gênero a que se filiam, permitem-nos, porém, uma análise por um outro prisma: o das formações ideológicas que evocam. É neste sentido que continuaremos no próximo item.

2 *In Catillinam*: política e formação discursiva

Para a breve análise que segue, temos como *corpus* os quatro discursos proferidos por Cícero no Senado Romano, entre oito de novembro e três de dezembro de 63 a.C., que se consagraram na história como as *Catilinárias* de Cícero, cujo nome se refere à figura histórica de Lúcio Catilina, que, segundo narra Salústio, teria comandado uma revolução para dissolver o senado e tomar o poder em Roma. Utilizamos em nossa análise conceitos teóricos oriundos da Análise do Discurso Francesa, especialmente os conceitos de *formação discursiva, condições de produção e interdiscurso*.

É nosso intuito comentar os sentidos que ainda hoje veiculam os celebrados discursos atribuídos ao orador romano, destacando-lhes o caráter que a linguagem assume em prol da defesa de um ideal político, e ilustrar o discurso a serviço do estado na oratória ciceroniana.

Os textos em questão são amplamente institucionais, foram proferidos em ocasiões oficiais no Senado Romano. A República romana, como atestam os historiadores antigos, entre eles Tácito e Salústio, teria se iniciado no ano de 509a.C. e se encerrado em 46a.C., com o início do período imperial, com Júlio César (44-46a.C.). Durante esse longo período, Roma, que nas origens era uma comunidade de pastores pobres que viviam às margens do Tibre, numa região denominada Lácio (*Latium*), aos poucos foi saindo da obscuridade para se tornar umas das maiores potências militares do Mediterrâneo, sobretudo após a expansão pelo território itálico, a anexação de Cartago com as Guerras Púnicas e os contatos comerciais com o oriente, através do domínio da Magna Grécia e, finalmente, de Atenas.

O século primeiro antes da Era Cristã representa, por assim dizer, o auge da república romana, então politicamente organizada e dominada pelos *optimates*⁵. Politicamente, Roma era governada por magistrados eleitos anualmente, que poderiam pertencer às categorias de “questor” (*quaestor*, idade mínima de 30 anos), “pretor” (*praetor*, idade mínima de 39 anos) e, finalmente, cônsul (*consul*, que eram apenas dois, com idade mínima de 42 anos e que detinham o poder máximo, o *imperium*). Para se chegar ao consulado, além de pertencer à nobreza (garantindo, assim, os votos da parcela da população que participava das eleições), o candidato cumpria um programa que passava pelas categorias menores, processo conhecido como *cursus honorum*. Cumpre destacar, ainda, dois aspectos relacionados: o fato de Cícero ser cônsul na ocasião em que foram proferidas as *Catilinárias* e o de ter chegado ao poder como *homo novus*, ou seja, oriundo de camadas populares.

Esses aspectos políticos da Roma republicana no século I a.C. configuram, por assim dizer, as *condições de produção* dos textos que analisamos e sustentam a nossa premissa de que, produzidos no âmbito institucional do Senado romano, representam manifestos a favor da instituição republicana da qual Cícero era representante máximo. Por esse motivo, se filiam a uma *formação ideológica* francamente conservadora, que valorizava a tradição e o *status quo*.

Citando Haroche (1971: 102), Courtine afirma que “cada formação ideológica constitui assim um conjunto complexo de atitudes e de representações que não são nem individuais, nem universais, mas que se relacionam mais ou menos diretamente a posições de classes em conflito umas com as outras”. Levando em conta essa afirmação, a nossa hipótese de leitura das *Catilinárias* é a de que esse texto se filia a uma formação ideológica que engendra uma formação discursiva política de direita (se assim podemos dizer), conservadora, que se apóia fortemente na tradição e nos valores seculares da cultura romana – como a *pietas* (veneração e respeito às divindades e aos antepassados), a *auctoritas* (amor às leis, à autoridade e à ordem constituída) e o *mos maiorum* (respeito às tradições antigas) – para se opor a uma outra formação discursiva da qual

⁵ Termo equivalente a *aristós*, no grego, *optimates* significa, literalmente, “os melhores” e designa o grupo formado pela elite intelectual e política de Roma à época da República. Esse grupo era formado essencialmente por indivíduos oriundos de famílias nobres que já possuísem em sua história passagens pelo poder. Ao contrário, Cícero era um *homo novus*, isto é, sua família não pertencia ao patriciado romano e, no entanto, sua chegada ao consulado foi possível devido a méritos próprios.

produz um simulacro, a que pertenceriam, possivelmente, Catilina e os seguidores, que ameaçavam o poder constituído.

Assim, ao longo das quatro Catilinárias, confrontam-se duas formações discursivas antagonistas: de um lado, estão a República romana, os seus valores ancestrais, a *virtus* romana, a ordem estabelecida, enfim, elementos constituintes de um discurso político francamente conservador (FD₁); do outro lado, está a formação discursiva política “de esquerda” (FD₂), revolucionária, que almeja a dissolução do Senado e aspira à revolução. A FD₂ comparece no *corpus* como um simulacro, *i.e.* ali ela está para ser combatida pela FD₁⁶. Em outras palavras, “cada FD fornece os elementos a serem por ela retomados, e que a outra FD fornece os elementos a serem recusados” (Possenti, 2003: 262):

Quadro 1. Formações discursivas no *In Catillinam*, de Cícero

FD₁: política conservadora	FD₂ (simulacro): política revolucionária
Produtor do discurso: Cícero, côsul romano, representante supremo da República no Senado.	Produtor do discurso: Catilina, político influente, adversário político de Cícero.
Objetivo (declarado): defesa da República e do bem comum. (Objetivo implícito: preservação do prestígio político e autodefesa contra o adversário.)	Objetivo (declarado, confirmado com provas): tomar o poder em Roma, assassinar autoridades romanas, buscar benefício próprio. (Objetivo implícito: acabar com Cícero.)
Expressões lexicais: <i>seguríssimo Senado; nobilíssima República; gravíssimo e santíssimo Conselho do Mundo; grave juízo da taciturnidade; honrados cidadãos; costumes nobres dos antepassados; côsul diligente; varões fortíssimos; prudentes, vigilantes, valorosos amantes da República etc.</i>	Expressões lexicais: <i>infames, desavergonhadíssimos; maquinando perfidamente; monstro e abismo de maldade; estropiados, licenciosos e rústicos estragados; mediante leviano e depravado; acostumado a adultérios e maldades; instrumentos da luxúria e ousadia etc.</i>

⁶ Conforme Maingueneau (2005: 22): “Cada um introduz o Outro em seu fechamento, traduzindo seus enunciados nas categorias do Mesmo e, assim, sua relação com esse Outro se dá sempre sob a forma de “simulacro” que dele constrói”

Aspectos linguísticos relacionados:

- ✓ utilização de superlativos: “(...) esse invicto povo, nobilíssimo império e formosíssima cidade, (...);
- ✓ enumerações: “(...) como requeria o costume dos maiores, a severidade do Império e a segurança da República”;
- ✓ repetição: “ (...) que venéfico, que briguento, que assassino, que parricida, que falsificador (...)”;
- ✓ oposições: “(...) quem levará em paciência que homens covardes armem traições a varões fortíssimos, os estultos aos mui prudentes, os glutões aos sóbrios, os sonolentos aos vigilantes (...)”
- ✓ dêiticos: “(...) desta parte peleja o rubor, daquela a dissolução; daqui a piedade, dali a protérvia; daqui a lealdade, dali a perfídia; daqui a constância, dali a insolência; daqui a honestidade, dali a torpeza; daqui a continência, dali a luxúria; daqui, enfim, a temperança, a fortaleza, a prudência e todas as virtudes que pelejam com a iniquidade, com a lascívia, com a perfídia (...)”

O embate entre *formações ideológicas* contraditórias que tem relevo nos textos (política conservadora *versus* política revolucionária) poderia ilustrar aquilo que Maingueneau (2005: 22) chama de “relação polêmica”: “o caráter constitutivo da relação interdiscursiva faz aparecer a interação semântica entre os discursos como um processo de tradução, de *interincompreensão* regrada”.⁷ Essa *interincompreensão* se materializa lingüisticamente nos itens lexicais acima enumerados e na oposição dêitica: “aqui” é o lugar da *virtus* (nobreza, honra, prudência, vigilância, respeito às tradições etc.) e “ali” é o lugar da não-*virtus* (imoralidade, iniquidade, fraqueza, perfídia etc.). Traduz-se, portanto, no discurso, a *formação ideológica revolucionária* (FD₂) como uma “ameaça”, não como uma “necessidade”; como “decadência”, não como “melhoria”.

⁷ Lastimavelmente, não chegou aos dias de hoje o discurso proferido por Catilina em defesa própria, após o primeiro discurso de Cícero acusando-o; caso contrário, teria sido interessante observar, no discurso de Catilina, a formação discursiva a que (supostamente) se filiaria, não o seu simulacro, como entrevemos no discurso de Cícero.

3 Conclusão

O texto de Cícero atualiza a relação entre disputa e poder característica das origens da retórica, conforme assinala Barthes (1979). Por este motivo, analisar-lhe as implicações de ordem política não pode prescindir de um estudo cuidadoso das idiossincrasias próprias desse gênero. Por outro lado, quando submetido ao aparato teórico da Análise do Discurso de Linha Francesa, conforme esboçamos acima, pode-se ver essa relação entre poder e discurso por um viés inteiramente novo: as *Catilinárias* representam e instanciam determinadas formações ideológicas próprias do contexto cultural em que o texto circulava e das condições de produção em que foram produzidos tais discursos.

Além disso, destacaríamos uma “relação polêmica” entre uma formação discursiva característica do *ethos* dos discursos analisados e uma outra formação, atribuída à Catilina e aos presumíveis rivais da República Romana, que nos textos comparecem senão como simulacros. Em suma, essa relação polêmica evidencia a tese da heterogeneidade constitutiva dos discursos, o “primado do interdiscurso” (Maugeneau, 2005: 33). Em suma, leva-nos a crer que os sentidos possíveis das *Catilinárias* de Cícero exemplificam a forma como o “Outro” se traduz no “Mesmo”.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARISTÓTELES. *Arte Retórica e Arte Poética*. Tradução Antônio Pinto de Carvalho. Rio de Janeiro: Ediouro, 1979.
- BARTHES, R. A retórica antiga. In: COHEN, J. et al.. *Pesquisas de Retórica – seleção de ensaios da revista “Communications”*. Tradução de Leda Mafra Iruzun. Petrópolis: Vozes, 1975.
- COURTINE, J-J. A propósito do Discurso Comunista dirigido aos cristãos. Tradução de Sírio Possenti – cópia xerográfica. *Langages* 62. Paris, Didier-Larousse, pp. 9-17.
- CARDOSO, Z. de A. *A Literatura Latina*. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1989.
- CÍCERO. *Orações*. São Paulo: Ediouro, 1979.
- CÍCERO. *Discours – pource le poète Archias et pour L. Flaccus*. Tradução Félix Gaffiot. Paris: Les Belles Lettres, 1989.
- GADET, F. & HAK, T. (org). *Por uma análise automática do discurso; uma introdução à obra de Michel Pêcheux*. Campinas, Editora da Unicamp, 1990.

KENNEDY, G. A. *A New History of Classical Rhetoric*. Princeton: Princeton University Press, 1994.

MAINGUENEAU, D. *A Gênese dos Discursos*. Tradução de Sírio Possenti. Curitiba: Criar Edições, 2005.

JAEGER, W. *Paidéia*. A formação do homem grego. Tradução de Artur M. Parreira. São Paulo: Martins Fontes, 1995.

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de História da Cultura Clássica*, vol II. Calouste Gulbenkian: Lisboa, 1982.

POSSENTI, S. Observações sobre o interdiscurso. *Revista Letras*, Curitiba, n. 61, especial, 2003, pp. 253-269.